

**FACULDADE DE TECNOLOGIA PAULO FREIRE  
UNIÃO NACIONAL DOS ANALISTAS TRANSACIONAIS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU**

**ÉLDER FERREIRA NUNES**

**PROFESSORES OK: Lidando com conflitos em sala de aula por  
meio da Análise Transacional.**

FACULDADE DE TEÓLOGIA PAULO FREIRE  
 UBERLÂNDIA 2011  
 UNÃO NACIONAL DOS EVANGELISTAS TRANSACIONAIS  
 CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

ELDER FERREIRA NUNES

PROFESSORES OR: Lidiando com angústia em sala de aula por meio da Análise Transacional.

Trabalho realizado em Curso Pós-graduação em Teologia da Faculdade de Teologia Paulo Freire, em Uberlândia, Minas Gerais, sob a orientação do Prof. Dr. Elder Ferreira Nunes, em 2011. Trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de Mestre em Teologia. Trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Assinatura  
 Elder Ferreira Nunes

Uberlândia  
 2011

**FACULDADE DE TECNOLOGIA PAULO FREIRE  
UNIÃO NACIONAL DOS ANALISTAS TRANSACIONAIS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU**

**ÉLDER FERREIRA NUNES**

**PROFESSORES OK: Lidando com conflitos em sala de aula por  
meio da Análise Transacional.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)  
apresentado ao Programa de Pós-Graduação  
em Análise Transacional e Competência nas  
Relações, promovido pela FATEP – Faculdade  
de Tecnologia Paulo Freire, em parceria com a  
UNAT-BRASIL – Associação Nacional dos  
Analistas Transacionais –, como requisito  
parcial para o reconhecimento de especialista  
*Lato Sensu*.

Orientadora:  
Profª. Ede Lanir Ferreira Paiva

Uberlândia

2011

ÉLDER FERREIRA NUNES

**PROFESSORES OK: Lidando com conflitos em sala de aula por meio da Análise Transacional.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Análise Transacional e Competência nas Relações, promovido pela FATEP – Faculdade de Tecnologia Paulo Freire, em parceria com a UNAT-BRASIL – Associação Nacional dos Analistas Transacionais –, como requisito parcial para o reconhecimento de especialista *Lato Sensu*.

Área de Concentração: Psicologia Humanista

Uberlândia-MG, 15 de outubro de 2011.

Banca Examinadora:

---

---

---

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me permitido viver esta jornada e por ter me concedido a oportunidade de conhecer a vida acadêmica.

Aos meus pais, por terem sido meus primeiros professores e por terem me incentivado a estudar.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Administração da FATEC, em especial ao Prof. Dr. Luiz Cláudio, por terem me permitido conhecer a vida acadêmica e por terem me incentivado a estudar. Aos meus colegas de turma, por terem sido meus companheiros de jornada e por terem me incentivado a estudar.

Aos meus amigos, por terem sido meus companheiros de jornada e por terem me incentivado a estudar. Aos meus familiares, por terem sido meus apoiadores e por terem me incentivado a estudar.

Aos meus professores, por terem sido meus orientadores e por terem me incentivado a estudar. Aos meus colegas de turma, por terem sido meus companheiros de jornada e por terem me incentivado a estudar.

Aos meus pais, por terem sido meus primeiros professores e por terem me incentivado a estudar. Aos meus colegas de turma, por terem sido meus companheiros de jornada e por terem me incentivado a estudar.

Aos meus amigos, por terem sido meus companheiros de jornada e por terem me incentivado a estudar. Aos meus familiares, por terem sido meus apoiadores e por terem me incentivado a estudar.

Aos meus professores, por terem sido meus orientadores e por terem me incentivado a estudar. Aos meus colegas de turma, por terem sido meus companheiros de jornada e por terem me incentivado a estudar.

À minha esposa e companheira Vanessa,  
suporte imprescindível à minha vida.

Aos meus filhos, Paulo Henrique, Luiz Cláudio,  
Luiz Fernando, Alexandre e Laura, razões do  
meu esforço à procura de melhores  
conhecimentos.

Aos professores e amigos, uma contribuição  
do meu conhecimento adquirido ao longo da  
carreira acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

À minha esposa e companheira Vanessa, ao longo da vida, por ser meu apoio, minha força e meu incentivo, sempre presente em todos os momentos da minha vida.

Meus filhos, Paulo Henrique, Luiz Cláudio, Luiz Fernando, Alexandre e Laura, razões do meu esforço à procura de melhores conhecimentos.

Aos meus pais, João e Maria, por serem a base de tudo, por serem a minha inspiração e o meu exemplo, por serem a minha força e o meu incentivo, sempre presente em todos os momentos da minha vida.

Aos meus professores e amigos, por serem a minha inspiração e o meu exemplo, por serem a minha força e o meu incentivo, sempre presente em todos os momentos da minha vida.

Aos meus colegas de trabalho, por serem a minha inspiração e o meu exemplo, por serem a minha força e o meu incentivo, sempre presente em todos os momentos da minha vida.

Aos meus amigos, por serem a minha inspiração e o meu exemplo, por serem a minha força e o meu incentivo, sempre presente em todos os momentos da minha vida.

Aos meus amigos, por serem a minha inspiração e o meu exemplo, por serem a minha força e o meu incentivo, sempre presente em todos os momentos da minha vida.

À minha esposa e companheira Vanessa,  
suporte imprescindível à minha vida.

Aos meus filhos, Paulo Henrique, Luiz Cláudio,  
Luiz Fernando, Alexandre e Laura, razões do  
meu esforço à procura de melhores  
conhecimentos.

Aos professores e amigos, uma contribuição  
do meu conhecimento adquirido ao longo da  
carreira acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

Por reconhecer a minha limitação, na condição de um mero ser humano, curvo-me, em agradecimentos, diante de todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho.

Em primeiro lugar, ao Grande Criador do Universo, fonte inesgotável de vida em plenitude.

Depois, aos professores do Programa de Pós-Graduação em Análise Transacional e Competência nas Relações da FATEP – Faculdade de Tecnologia Paulo Freire, em parceria com a UNAT-BRASIL – Associação Nacional dos Analistas Transacionais. A eles, o meu reconhecimento pelo esforço, dedicação e zelo com que conduziram os trabalhos.

Em especial, a Professora Ede Lanir Ferreira Paiva – coordenadora do programa e orientadora deste trabalho que, de maneira cuidadosa, ofereceu-me cordial atenção, forneceu-me materiais para estudos e proferiu-me palavras de grande incentivo para a consecução dos objetivos deste estudo.

Agradeço, também, aos colegas de curso, pois tiveram um papel importante no meu aprendizado, sempre com discussões profundas e abrangentes.

Da mesma forma, há um agradecimento especial aos professores componentes da banca examinadora deste trabalho, pois, com critério e profissionalismo, apresentaram suas críticas e sugestões para o enriquecimento de seu conteúdo.

Por fim, agradeço à minha família, que, na dificuldade soube me acalantar, nos devaneios conseguiu trazer-me à realidade, e, na impaciência foi um suporte para a retomada do meu equilíbrio.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- O Aparato Psíquico proposto por Berne .....	14
Figura 2- Egograma de Professor e Aluno com desarmonia em sala de aula .....	20
Figura 3- Egograma recomendável em sala de aula .....	21
Figura 4- Transação Complementar .....	23
Figura 5- Transação Cruzada .....	23
Figura 6- Transação Ulterior .....	24
Figura 7- Transações Ocultas .....	25
Figura 8- Quadrantes das Posições Existenciais .....	27
Figura 9- Origem e inserção das injunções do <i>script</i> de vida .....	31
Figura 10- O Triângulo Dramático .....	32
Figura 11- Estados de Ego interagindo no Triângulo Dramático .....	34
Figura 12- Dinâmica do Jogo Psicológico .....	35



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Sinais de identificação dos Estados de Ego .....	17
Quadro 2- Análise funcional dos Estados de Ego .....	18
Quadro 3- Diagnóstico Funcional dos Estados de Ego com cinco sinais de comportamento .....	19
Quadro 4- Resumo das características das Posições Existenciais .....	28
Quadro 5- Jogos Psicológicos em sala de aula .....	37

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

### INTRODUÇÃO

1.1 Tema	4
1.2 Justificativa	10
1.3 Problema de Pesquisa	10
1.4 Objetivo	11
1.5 Metodologia	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 Comunicação e Análise Transacional (AT)	12
2.2 A Base Fundamental da AT	13
2.3 O que é AT e qual o seu campo de atuação	15
2.4 Análise Funcional dos Estados de Ego	15
2.5 Análise de Transações	20
2.6 Posições Existenciais	26
2.7 Script de Vida	26
2.8 Jogos Psicológicos	26
2.8.1 Definição dos Jogos Psicológicos	28
2.8.2 Classificação dos Jogos Psicológicos	28
3 CONCLUSÃO	38
4 REFERÊNCIAS	40

## SUMÁRIO

	DEDICATÓRIA .....	iii
	AGRADECIMENTOS .....	iv
	LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....	v
	LISTA DE QUADROS .....	vi
	SUMÁRIO .....	vii
	RESUMO .....	viii
1	INTRODUÇÃO .....	9
1.1	Tema .....	9
1.2	Justificativa .....	10
1.3	Problema de Pesquisa .....	10
1.4	Objetivo .....	11
1.5	Metodologia .....	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO .....	12
2.1	Como surgiu a Análise Transacional (AT) .....	12
2.2	A base fundamental da AT .....	13
2.3	O que é AT e qual o seu campo de atuação .....	15
2.4	Análise funcional dos Estados de Ego .....	16
2.5	Análise de Transações .....	22
2.6	Posição Existencial .....	26
2.7	<i>Script</i> de Vida .....	29
2.8	Jogos Psicológicos .....	32
2.8.1	Dinâmica dos Jogos Psicológicos .....	32
2.8.2	Classificação dos Jogos Psicológicos .....	35
3	CONCLUSÃO .....	38
	REFERÊNCIAS .....	40

**RESUMO**

Tendo-se por premissa de que uma boa educação é, antes de tudo, proporcionada pelo relacionamento afetivo existente entre o educador e o educando, este trabalho busca verificar se a Análise Transacional (AT) possui fundamentos aplicáveis à conciliação de pessoas em conflitos nas salas de aula, principalmente acerca daqueles que ocorrem entre professores e alunos. Por meio da pesquisa bibliográfica e do método de revisão integrativa de literatura, identificou-se algumas técnicas que poderão mitigar as falhas de comunicação entre professores e alunos e, até mesmo, minimizar os resultados indesejáveis dessas relações escolares. Concluiu-se que a AT oferece não só ferramentas de suporte à compreensão dos conflitos, mas também uma visão sistêmica acerca das relações interpessoais que ocorrem em salas de aula, o que pode proporcionar ao professor uma melhor possibilidade de lidar de forma saudável com os alunos, de tal sorte que ocorra o resultado pretendido de uma boa educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estados de Ego. Transações. Script de Vida. Jogos Psicológicos.

**ABSTRACT**

Having premised is that a good education is, above all, provided by the loving relationship between the educator and learner, this paper seeks to verify that the Transactional Analysis (TA) have grounds applicable to the reconciliation of people in conflicts in rooms classroom, especially about those that occur between teachers and students. Through literature search and the method of integrative literature review, we identified some techniques that may mitigate the communication gap between teachers and students and even minimize the undesirable results of these school relations. It was concluded that TA provides not only tools to support understanding of the conflicts, but also a systemic view about the interpersonal relationships that occur in classrooms, which can provide the teacher a better chance in a healthy way of dealing with students, such that the desired outcome occurs for a good education.

**KEY-WORDS:** Ego States. Transactions. Scripts. Games People Pay.



## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 Tema

O homem, na sua natureza, é movido pelo ímpeto do saber. Não apenas pelo conhecimento solipsista<sup>1</sup>, mas também por aquele que transcende a barreira do eu.

Pode-se verificar que, com a modernidade, houve uma grande valorização do indivíduo. O eu foi exacerbado, sendo o "ser" substituído pelo "ter, poder e prazer". Mais ainda, com a frustração desta altivez humana, sobrepujamos o "parecer" e o "aparecer" – fruto da particularização da felicidade e, por consequência, da ausência de alteridade<sup>2</sup>.

O resultado desse movimento pode ser verificável nos dias atuais, ou seja, nota-se que há uma grave crise ética e moral nas várias camadas sociais. O reflexo disto se mostra, não somente, mas com grande intensidade, nas salas de aula, pois elas são uma cópia discreta daquilo que a sociedade manifesta em seu todo. Vê-se e ouve-se dizer de fatos estarrecedores nos quais alunos se agridem mutuamente, de forma física e psíquica, projetando, inclusive, as suas patologias até em seus mestres. Não raro, há ocorrências de morte decorrente da fatalidade proveniente de conflitos interpessoais em salas de aula.

Pode-se até dizer que estes fatos sempre ocorreram e, provavelmente, sempre ocorrerão, dada a natureza agressiva do ser humano, mas isto é uma incerteza. Contudo, a intensidade que tais fatos estão ocorrendo hoje são motivos de intensa preocupação e indagação.

Assim, neste trabalho, propõe-se, numa concepção humanista e até transpessoal, verificar, por meio de uma abordagem teórica e técnica, os fundamentos da Análise Transacional que podem ser aplicados na lida de conflitos em salas de aula, principalmente sobre aqueles que ocorrem entre professores e alunos.

Então, no desenvolvimento deste estudo, estar-se-á apresentando os conceitos, as estruturas didáticas do pensamento nessa abordagem e, principalmente, o desenvolvimento do Script de Vida e os Jogos Psicológicos que, frequentemente, podem ocorrer no relacionamento entre professores, alunos e até profissionais da área administrativa que se manifestam nas várias Instituições de Ensino.

Apontar-se-á, também, algumas técnicas que poderão mitigar as falhas de comunicação entre professores e alunos, até mesmo, minimizar os resultados indesejáveis dos comportamentos conflituosos dessas relações escolares.

---

1- Solipsismo: tese de que só eu existo e de que todos os outros entes são apenas ideias minhas – egoísmo.

2- Alteridade: ser outro, colocar-se ou construir-se como outro.

## 1.2 Justificativa

Se recorrermos ao pensamento de Aristóteles (1973), constata-se que na sua época já havia o entendimento de que, para se educar bem uma pessoa, é necessário capacitá-la a amar o que é amável e odiar o que é aborrecível. Vê-se, portanto, uma íntima ligação do termo "Educar" com a afetividade e as virtudes morais.

Da mesma forma preceitua Rossini (2002, p. 9), para quem a aprendizagem, de boa performance, deve ser prazerosa e ligada à ação afetiva. O autor considera que "a afetividade denomina a atividade pessoal na esfera instintiva, nas percepções, na memória, no pensamento, na vontade, nas ações, na sensibilidade corporal". Assim, a afetividade é um componente de equilíbrio e de harmonia da personalidade, o que equivale a dizer que o educando que possui uma boa relação afetiva é seguro, apresenta um interesse diferenciado pelo mundo e compreende melhor a realidade, haja a vista a possibilidade de um melhor desenvolvimento intelectual e cultural.

Portanto, este trabalho parte da premissa de que uma boa educação é, antes de tudo, proporcionada pelo relacionamento afetivo existente entre o educador e o educando. Então, pode-se pensar que o professor teria melhores resultados no ato de educar se conseguisse lidar melhor com os desentendimentos que ocorrem em salas de aula. Onde se conclui que, caso o professor fosse mais bem preparado para lidar com os comportamentos conflituosos que se manifestam no ambiente escolar, poderia amenizar os embates negativos e, dessa forma, auferir melhores ganhos de conhecimento para ambos.

Optou-se, então, neste trabalho, pela abordagem tratada pela Análise Transacional, por considerar que há uma facilidade de compreensão dos termos conceituais e, também, uma viabilidade técnica de observação e aplicação de procedimentos operacionais capazes de melhorar os relacionamentos interpessoais desarmônicos vivenciados pelo professor.

## 1.3 Problema de pesquisa

A Educação pode ser entendida como uma atividade essencialmente humana, cuja finalidade é o compartilhamento do conhecimento acumulado ao longo de uma existência. Assim, por meio de diferentes métodos e concepções pedagógicas de aprendizagem e de desenvolvimento humano, ou pelo simples relacionamento interpessoal, o homem transmite às gerações futuras a sua expertise adquirida acerca das coisas do mundo.

Dessa forma, a Educação parece estar investida de uma outra característica não menos importante: a de socialização, pois, por seu intermédio, as normas de convívio social são repassadas de pais para filhos, de mestres para aprendizes e do Estado para os



cidadãos.

Mesmo acreditando que esta ação seja generalizada, a maneira pelo qual ela é feita encontra-se relativizada. Apesar da perspectiva de universalidade, a transmissão do conhecimento não possui um *modus operandi* padronizado por todas as sociedades e, dentro delas, pelas várias Instituições de Ensino. Uma simples questão semântica pode demonstrar esta variação como, por exemplo, o entendimento que se faz sobre o que é a Educação e como ela se dá.

Diante do exposto, questiona-se, pois, se haveria na Análise Transacional (AT) um modo de ajudar os docentes a melhor administrar os conflitos relacionais no ambiente escolar. Ou ainda, existem técnicas propostas pela AT para um melhor controle das relações interpessoais de forma a alcançar um relacionamento mais afetuoso entre professor e aluno e que possam contribuir para o ato de educar?

#### 1.4 Objetivo

Este trabalho, portanto, tem por finalidade identificar conceitos e técnicas aplicadas na Análise Transacional que possibilitem aos professores a compreensão dos mecanismos de formação de um relacionamento conflituoso, de tal forma que consigam minimizar os resultados indesejáveis na consecução de uma afetividade saudável com os seus alunos.

#### 1.5 Metodologia

Na visão de Lakatos (2010), os procedimentos técnicos utilizados num trabalho científico podem ser: análise de pesquisa descritiva, pesquisa bibliográfica, coleta de dados através da literatura e, ainda, interpretação. Nesta condição, os fatos relevantes são interpretados e justificados de forma estruturada e compreensiva.

Para a realização deste estudo optou-se, então, pelo método de revisão integrativa de literatura, visto que ele possibilita sintetizar as pesquisas já concluídas e obter resultados a partir de um tema de interesse.

Dessa forma, estabeleceram-se as seguintes etapas: (1) Seleção da questão temática – tomando-se por base a consulta aos livros e às bibliotecas virtuais; (2) Critérios para a seleção do problema; (3) Categorização dos estudos – após a leitura sistematizada foi realizado o fichamento do material bibliográfico e a consolidação dos achados para facilitar a reflexão, a redação e a conclusão do estudo; (4) Catalogação dos dados relevantes – após a coleta de dados e delineamento das características do estudo obtido,

faz-se a elaboração de um texto dissertativo, visando permitir a avaliação sistemática das informações coletadas, realizando discussões e análises; (5) Interpretação dos Resultados – na qual se procede a uma discussão dos principais resultados encontrados na pesquisa feita após a seleção do material didático, com uma leitura minuciosa, crítica e reflexiva dos textos; e (6) Apresentação dos Resultados da Pesquisa – mediante a revisão dissertativa do assunto e da análise crítica dos dados levantados, procede-se a conclusão do estudo em pauta.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Como surgiu a Análise Transacional (AT)

O mentor da abordagem da AT foi o canadense, mas americano naturalizado, Eric Berne. Sendo médico de formação, ele fez especialização em psiquiatria e, depois, o treinamento em psicanálise, apesar de não tê-la exercido. Durante a 2ª Guerra Mundial, ele ingressou no Corpo Médico do Exército Norte-Americano, onde obteve os seus primeiros *insights*. Observou que, depois de fazer apenas duas pequenas perguntas a cada candidato – se ele era nervoso e se já havia consultado um psiquiatra –, ele conseguia uma boa percentagem de acerto na identificação da profissão de cada um deles, principalmente se era mecânico ou fazendeiro (STEINER, 1976).

Dessa forma, ao deixar-se guiar pela intuição, Berne se permitiu questionar os conceitos da psicanálise. Ele ousou olhar de uma outra maneira os seus pacientes, pois acreditava que o terapeuta deveria ser mais ativo na busca da cura. Então, por cerca de dez anos, ele realizou pesquisas baseadas em seus *insights* – cabe ressaltar que, como médico formado, “não lhe era normal estar com a ‘mente aberta’ para as informações detectadas pela sua intuição e usá-las sem prejulgamento”, devendo, pois, diagnosticar um paciente conforme o termo técnico pré-definido (STEINER, 1976, p. 23).

Assim, ele começou a utilizar as suas percepções no trabalho terapêutico ao invés de ficar preso àquelas noções e categorias adquiridas na psiquiatria. Dessa forma, guiado pela intuição, ele passou a criar imagens mentais que representassem o sentimento manifestado pelo paciente – a isto ele chamou, inicialmente, de “imagem do ego”. Percebendo que essas imagens iam se repetindo, não apenas nas representações dos sentimentos de criança, mas, também, nas de adulto, ele fortaleceu suas convicções e estabeleceu, então, o conceito de “Estados de Ego” (STEINER, 1976, p. 22-24).



## 2.2 A base fundamental da AT

A tentativa de representação da personalidade humana não é uma atitude nova no conhecimento humano. Já com Platão (2005), no livro IV de "A República", ele expõe a sua ideia de alma (*psyché*) como uma unidade múltipla, chegando a situar cada uma de suas três funções numa região do corpo. Inicialmente, ele define a alma apetitiva ou concupiscente que, sendo mortal, conduz a pessoa a buscar por comidas, bebidas, sexo, prazeres, ou seja, tudo o que é necessário à conservação do corpo e à geração de outros corpos – ela estaria situada entre o diafragma e o umbigo. Depois, vem a alma colérica ou irascível que, também mortal, determina a irritação contra tudo quanto possa ameaçar a integridade do corpo. Ela teria por função motivar o combate aos perigos que se manifestam contra a vida e estaria situada acima do diafragma, ou seja, na cavidade do peito. Por fim, porém não mortal, viria a alma racional, que regularia a faculdade do conhecimento e da parte espiritual. Esta estaria localizada, obviamente, na cabeça sendo a responsável pela faculdade ativa e superior – o princípio divino no homem – e que lhe proporcionaria o entendimento do Bem e do Mal, da Verdade e das Ideias.

Também Freud (1996), no seu estudo sobre a personalidade humana, fez uma distinção de três níveis de consciência da mente humana: (1) consciente – que diz respeito à capacidade de se ter percepção dos sentimentos, pensamentos, lembranças e fantasias do momento; (2) pré-consciente – que se relaciona aos conteúdos que podem facilmente chegar à consciência; e (3) inconsciente – referindo-se ao material não disponível à consciência ou ao escrutínio do indivíduo.

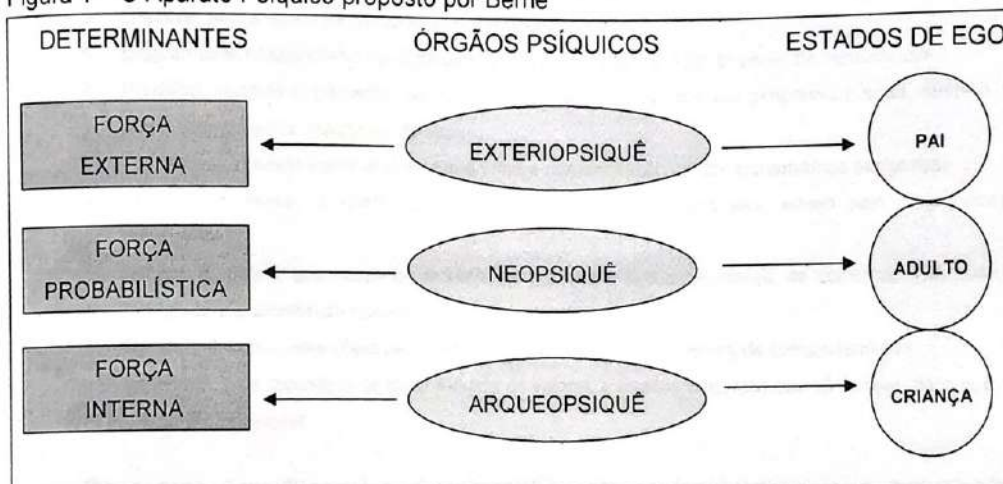
Com base nestas ideias e na sua experiência clínica, Freud (1996) postulou uma teoria estrutural da mente que, segundo ele, estaria formada por três elementos: (1) "Id" – que, regido pelo princípio do prazer, comporta-se como um reservatório inconsciente das pulsões sem levar em conta a possibilidade de consequências indesejáveis; (2) "Ego" – sendo regido pelo princípio da realidade, funciona, principalmente, no nível consciente e pré-consciente, embora também contenha elementos inconscientes, pois evoluiu do "Id"; e (3) "Superego" – sendo parcialmente consciente, serve como um censor das funções do ego, pois é um arcabouço da moral e a fonte dos sentimentos de culpa e do medo de punição.

Berne (1985, p. 22-30), por sua vez, observando a postura, o modo de falar de seus pacientes e outras características físicas, pôde inferir determinados padrões afins de comportamento tal como ocorrem na natureza. Dessa forma, num primeiro momento, preferiu evitar o "uso de conceitos como 'instinto', 'cultura', 'superego', 'animus', e assim por diante". Ele constatou que os pacientes não só podiam ser observados, mas, também, observarem a si mesmos, mudando de um estado mental para outro e de um padrão de comportamento para outro.

Dessa forma, para descrever "fenomenologicamente" a estrutura do comportamento humano observado, Berne conceitua: *Exteropsique* – função identificativa, *Neopsique* – processamento de dados e *Arqueopsique* – função regressiva. A isto, então, ele introduziu o conceito de "Estados de Ego", definindo como "um sistema coerente de sentimentos relacionados a um dado sujeito" ou, ainda, "como um sistema de sentimentos que motiva um conjunto de padrões de comportamentos afins" (BERNE, 1985, p. 31-33)

No entanto, ao buscar uma expressão com uma linguagem coloquial, para que as pessoas em geral pudessem melhor compreender estas manifestações da mente, ele apelidou os três componentes observáveis da personalidade da pessoa como sendo o "Pai", o "Adulto" e a "Criança" (PAC). Para melhor entendimento desses conceitos, pode-se observar a representação feita na Figura 1.

Figura 1 – O Aparato Psíquico proposto por Berne



Fonte: Adaptada de Berne (1985).

Estes três órgãos psíquicos, de acordo com Berne (1985, p. 33), constituem-se em "absolutos pragmáticos" que formam a base teórica de toda a AT, pois partem de três premissas:

- 1- Que todo indivíduo adulto foi criança um dia.
- 2- Que todo ser humano, com um funcionamento suficientemente bom do tecido cerebral, é potencialmente capaz de uma adequada avaliação de realidade.
- 3- Que todo indivíduo que sobrevive até a idade adulta teve pais ou alguém *in loco parentis*.

Assim, a partir desses conceitos, estar-se-á apresentando nos próximos tópicos os conceitos de AT necessários à compreensão dos conflitos internos e à identificação das várias manifestações que possibilitem o diagnóstico a identificação dos elementos formadores do conflito interpessoal em salas de aula, que é o foco deste estudo.



### 2.3 O que é a AT e qual o seu campo de atuação

Conforme define Kertész (1987), a AT, além de uma teoria da psicologia individual e social, é uma filosofia de vida, pois se posiciona em relação ao ser humano mediante um conjunto de técnicas de mudança positiva. Chama-se Transacional porque, segundo ele, há uma análise das trocas de estímulos e respostas entre os indivíduos, o que acaba lhe dando uma ênfase social.

Kertész (1987, p.15-20) menciona, ainda, doze principais características que podem sintetizar a abordagem psicológica que podem traduzir o que AT é:

- 1- Uma filosofia positiva e de confiança no ser humano;
- 2- Um modelo de "aprendizagem contínua" que substitui o de "enfermidade mental";
- 3- Simples, pois se utiliza de termos do cotidiano;
- 4- Natural, fundamentando-se em necessidades biológicas;
- 5- Objetiva, pois a teoria foi formulada em fatos observáveis;
- 6- Diagramável, utilizando-se de gráficos simples para melhorar o canal visual da comunicação;
- 7- Preditiva, quando o paciente, ao continuar utilizando-se do mesmo programa mental, tenderá a obter determinados resultados futuros;
- 8- Preventiva, atuando como potência que inibe a concretização de comportamentos perigosos;
- 9- Eficaz, por facilitar a compreensão do comportamento próprio e/ou alheio sem diagnósticos demorados;
- 10- Integrável, pois é um marco de referências práticas e lógicas possíveis de combinar com outras teorias da personalidade humana;
- 11- Contratual, com metas objetivas, mensuráveis e de mudança positiva de comportamento;
- 12- Igualitária, pois considera de igual medida os valores e direitos daqueles que são observados numa transação relacional.

De acordo com Stewart e Joines (1987), em conformidade com a Associação Internacional de Análise Transacional (ITAA), a AT é uma teoria da personalidade e uma psicoterapia sistemática para o crescimento e para a mudança pessoal. Como uma "teoria da personalidade", ela proporciona uma visão de como as pessoas são estruturadas psicologicamente; como uma "teoria de desenvolvimento da criança", ela explica a maneira pela qual o nosso atual estilo de vida se originou na infância.

No campo das "aplicações práticas" (grifo nosso), comentam os dois autores acima citados, a AT oferece um sistema de psicoterapia para o tratamento das desordens psicológicas e para a melhoria da comunicação em ambientes educacionais e empresariais. Por isso, concluem, a AT pode ser usada, com muito bons resultados, em qualquer campo onde haja uma necessidade de compreensão dos indivíduos, dos seus relacionamentos e da comunicação entre eles.

Crema (1985), por sua vez, após explanar sobre as quatro revoluções conceituais na Psicologia moderna do Ocidente – quais sejam: o Behaviorismo, a Psicanálise, a

Psicologia Humana e a Transpessoal –, posiciona a AT, por possuir uma origem pragmática da cultura Norte-Americana, com firmes pressupostos filosóficos humanísticos.

Além disso, o autor considera que, pela estreita tradição fenomenológica centrada na pessoa, tendo um pacto com a totalidade humana, ela vincula-se, ainda, com a florescente Psicologia Transpessoal. Crema (1985) chega a predizer que esta abordagem psicológica será aquela predominante no século XXI.

Por estas razões expostas, pode-se inferir que a AT reúne condições favoráveis de apoio aos orientadores educacionais, seja nas organizações empresariais ou em estabelecimentos de ensino – que é o campo de atuação da presente pesquisa. Resta-nos, portanto, identificar as suas técnicas que serão estudadas nos próximos tópicos.

## 2.4 Análise funcional dos Estados de Ego

Para entendermos o funcionamento dos Estados de Ego, Berne (1974, p. 28) esclarece que eles são "fenômenos fisiológicos normais". Portanto, o cérebro humano, que regula a vida psíquica, seleciona e armazena informações na forma de Estados de Ego e eles, por sua vez, irão traduzi-las em determinadas formas de comportamento. Assim, cada um deles "tem o seu próprio e importante valor para o organismo".

O autor define que no Estado de Ego "Criança" (C) é onde residem "a intuição, a criatividade, o impulso espontâneo e o prazer". Há, portanto, uma manifestação física, mental e emocional de forma puramente natural, ou seja, desprovida de censura.

O "Adulto" (A), conforme cita o autor, é "necessário para a sobrevivência", pois "processa os dados e computa as possibilidades essenciais para enfrentar com eficiência o mundo exterior" – é, então, um centro decisório pelo uso da razão.

O Pai (P), por sua vez, "tem duas funções principais", quais sejam: (1) "capacita o indivíduo a agir eficientemente como pai de seus próprios filhos, promovendo a sobrevivência da raça humana"; e (2) "torna muitas reações automáticas, o que economiza uma grande quantidade de tempo e energia". Dessa forma, ele "funciona como um depósito de normas, valores, preceitos e modelos de conduta" (KERTÉSZ, 1987, p. 29).

Outros autores que vieram depois de Berne formaram um entendimento complementar à análise funcional dos Estados de Ego. Aqui, neste estudo, utilizar-se-á aquele diagramado por Kertész (1987), com algumas adaptações que se fazem necessárias à melhor aplicação aos objetivos aqui propostos.

É importante ressaltar que estes Estados de Ego existem, concomitantemente, na personalidade humana. Dependendo do estímulo recebido, um responde primeiro do que o outro, podendo, inclusive, sobrepor-se aos demais. Porém, a identificação de qual está



operando em um dado momento depende de uma série de pontos a serem analisados.

Kertész (1987, p.42) apresenta um quadro que contempla doze sinais do comportamento e que podem auxiliar na identificação de cada Estado de Ego, o qual se apresenta a seguir.

Quadro 1 – Sinais de identificação dos Estados de Ego

OS 12 SINAIS DO COMPORTAMENTO OBJETIVO (EXTERNO, PÚBLICO)	
COMPORTAMENTO VERBAL (LINGUAGEM)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Palavras e frases, sintaxe;</li> <li>2. Tons da voz;</li> <li>3. Ritmo da fala, velocidade;</li> <li>4. Volume (intensidade);</li> </ol>
COMPORTAMENTO NÃO VERBAL (CORPORAL)	<ol style="list-style-type: none"> <li>5. Olhar (expressão das pupilas);</li> <li>6. Expressão facial (músculos do rosto);</li> <li>7. Gestos e movimentos (mãos, braços, pernas, pés, colo, ombros, movimentos da cabeça);</li> <li>8. Postura corporal (tronco, quadris, etc...);</li> <li>9. O vegetativo (cor da pele, tônus muscular, palpitações cardíacas, ritmo respiratório, volume do lábio inferior);</li> <li>10. Distância física à qual se mantém em relação aos outros;</li> <li>11. Velocidade e ritmo dos movimentos corporais;</li> <li>12. Vestimenta (roupa, adornos, maquiagem).</li> </ol>

Fonte: Kertész (1987, p.42).

O autor esclarece, ainda, que estes doze sinais podem ou não ocorrer ao mesmo tempo. Pode, inclusive, ocorrer a congruência ou a incongruência entre alguns deles, pois, no interior da mente humana, há também um Estado de Ego imperando e que, por sua vez, pode ou não corresponder com o sinal percebido, aceitando-o ou rejeitando-o.

Para compreender-se, então, o seu funcionamento e as suas manifestações, passar-se-á a diagramá-los com o propósito de uma melhor visualização. A estrutura básica, originalmente apresentada por Berne como "PAC" (Pai-Adulto-Criança), foi modificada de acordo com o entendimento de outros autores posteriores. A segmentação foi escolhida em conformidade com os propósitos pretendidos neste estudo, cabendo-se, portanto, esclarecer que há outras representações aceitas pelos profissionais que militam na área.

Cabe-se destacar que a Análise Transacional se utiliza de um conceito chamado "okeidade" para referendar a condição sadia "ok", ou favorável, da ação humana. Em sentido contrário, ou negativo, diz-se que a ação é "não-ok". Assim, para facilitar o seu entendimento, antecipa-se com uma legenda da simbologia utilizada no Quadro 2.

Quadro 2 – Análise funcional dos Estados de Ego

<b>Legenda:</b>	
	PC – Pai Crítico
	PN – Pai Nutritivo
	A – Adulto
	CL – Criança Livre
	CAS – Criança Adaptada Submissa
	CAR – Criança Adaptada Rebelde

"OK" – positivo ( + )	ESTADO DE EGO	"NÃO-OK" – negativo ( - )
<ul style="list-style-type: none"> <li>Firmeza;</li> <li>Ordem;</li> <li>Controle;</li> <li>Fixação de limites adequados;</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>Preconceitos;</li> <li>Insultos;</li> <li>Autoritarismo;</li> <li>Desvalorização alheia.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Apoio ao crescimento alheio;</li> <li>Proteção, compreensão;</li> <li>Consolo, educação;</li> <li>Permissão para viver (desfrutar)</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>Superproteção;</li> <li>"Untuosidade";</li> <li>Salvação.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Racionalidade (lógica);</li> <li>Ação Ética;</li> <li>Objetividade.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>Manipulação;</li> <li>Desonestidade.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Não modificada pela educação;</li> <li>Espontaneidade, curiosidade;</li> <li>Intuição, criatividade.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>Egoísmo;</li> <li>Impetuosidade;</li> <li>Inconveniência ruidosa.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Disciplina, obediência.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>Temor, submissão.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Oposição;</li> <li>Competição;</li> <li>Contestação de injustiça.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>Agressividade;</li> <li>Rancor;</li> <li>Desafio (provocação).</li> </ul>

Fonte: Adaptado de Kertész (1985).

A diagnose de um Estado de Ego, conforme Berne (1985, p.65) "é uma questão de acuidade de observação mais sensibilidade intuitiva". Portanto, a primeira pode-se adquirir por aprendizado enquanto que a outra só pode ser cultivada. Cita, ainda, que a habilidade para a diagnose depende de fatores psicodinâmicos no campo do comportamento involuntário, voluntário ou social ou até mesmo por introspecção.

Então, para facilitar esta compreensão, utilizar-se-á, também, a diagramação de Kertész (1985) sobre os cinco sinais de comportamento, com base nos estudos de Berne, correspondendo às seis variantes dos Estados de Ego anteriormente descritos, os quais se encontram no quadro a seguir:

Quadro 3 – Diagnóstico Funcional dos Estados de Ego com cinco sinais de comportamento

ESTADOS DE EGO	SINAIS DE COMPORTAMENTO				
	Palavras	Tom de Voz	Expressão Facial	Gestos	Postura Corporal
<b>PAI CRÍTICO</b>	Você deve... Tem que... Que vergonha...	Critico; Escarnecedor; Arrogante.	Cenho; Franzino; Comissura dos lábios para baixo.	Dedo acusador; Braços cruzados; Punhos na cintura; Mandíbula levantada.	Tronco ereto (pomposo e arrogante)
<b>PAI NUTRITIVO</b>	Pobrezinho... És capaz... Conta comigo... Parabéns...	Lamuriendo; Carinhoso; Cálido; Cordial.	Sorridente; Compreensiva; Comissura dos lábios para cima	Braços abertos; Braços que apóiam a cabeça no ombro.	Tronco arqueado para os outros.
<b>ADULTO</b>	Está certo... Por quê? Os dados indicam que...	Uniforme; Modulado.	Serena; Alerta; Concentrada; Lábios horizontais.	Mão sustenta o queixo; Dedo indicador para cima.	Erguido sem tensão natural; Inclinado sobre os objetos.
<b>CRIANÇA LIVRE</b>	Ufa! Que lindo! Gosto / não gosto; Quero / não quero	Forte; Sonoro; Inocente; Cheio de emoções.	Mostra suas emoções; Variável conforme a emoção.	Desinibidos; Espontâneos; Pernas separadas.	Livre; Estirado; Relaxado; Não é solitário.
<b>CRIANÇA ADAPTADA SUBMISSA</b>	Por favor... Vou tentar... Não sei se posso... Teria que... É muito difícil...	Submisso; Choroso; Sobe e desce.	Temerosa; Abaixa a vista; Lábios trêmulos; Testa franzida.	Torce as mãos; Ombros encolhidos; Tensão geral.	Contraído; Encurvado.
<b>CRIANÇA ADAPTADA REBELDE</b>	Que me importa? Não tenho vontade... Já vou, já vou... (e não vai)	Hostil; Desafiante.	Provocante; Desafiante; Lábio inferior apertado.	Aperta os punhos; Estira o peito; Sapateia; Encolhe os ombros	Tronco estirado; Peito estufado; Queixo erguido.

Fonte: Adaptado de Kertész (1985).

Com vista à percepção da variabilidade de intensidade e de frequência dos estímulos e, por consequência, de intensidade das manifestações dos Estados de Ego, Dusay (1973) representou simbolicamente os valores a eles atribuídos. A este gráfico ele deu o nome de

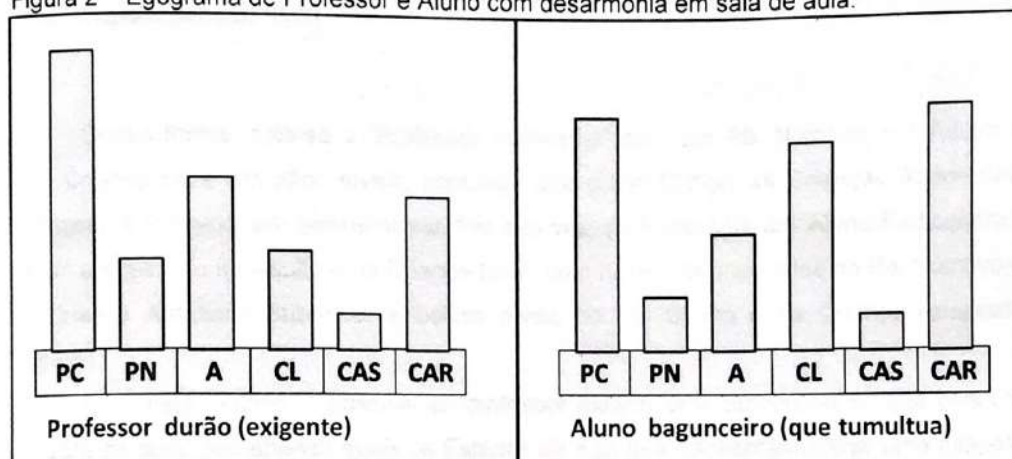


Egograma, no qual é possível visualizar qual é a predominância em uma dada pessoa no momento da análise.

O autor postulou, como ideia, a hipótese de que a "energia psíquica total" (grifo nosso) de uma pessoa permanece sempre a mesma. Isto torna o Egograma uma ferramenta muito útil para auxiliar os processos de mudança de comportamento, pois, à medida que se observa o aumento da energia num determinado Estado de Ego a pessoa estará, automaticamente, diminuindo a energia num outro.

Para exemplificar este movimento, apresentamos, a seguir, uma figura contendo dois Egogramas fictícios que representam o fluxo ilustrativo das manifestações dos Estados de Ego de um professor e de um aluno.

Figura 2 – Egograma de Professor e Aluno com desarmonia em sala de aula.



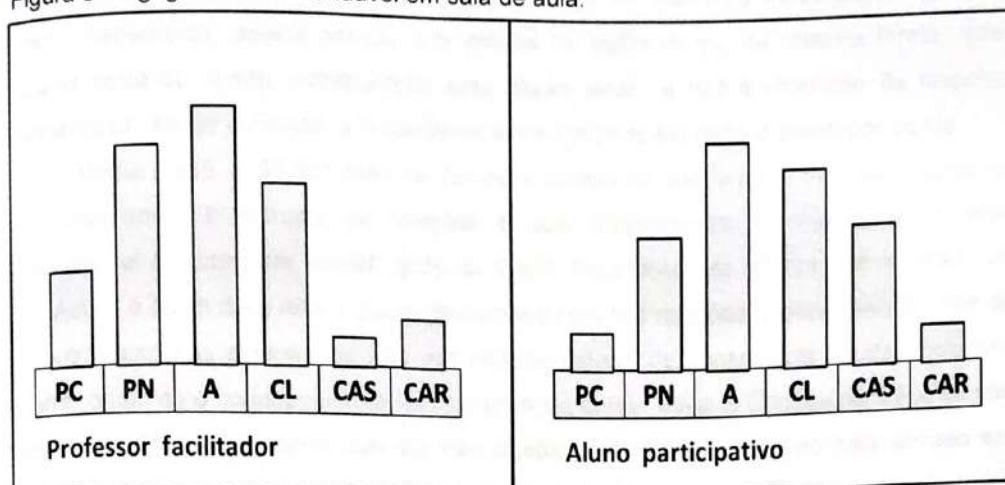
Fonte: Adaptada de Dusay (1972).

Nota-se que o "Professor durão" tem um Pai Crítico elevado e, em contra partida, um Pai Nutritivo diminuído. Verifica-se, também, que a Criança Adaptada Submissa está em baixo nível e, em compensação, a Criança Adaptada Rebelde aumentada. Isto não inviabiliza a manifestação dos outros Estados de Ego, mas sim uma supremacia daqueles que caracterizam o seu jeito duro de ser professor.

No Egograma representativo do "Aluno bagunceiro" pode-se observar tanto o Pai Crítico quanto a Criança Adaptada Rebelde em altos níveis em relação ao Pai Nutritivo e à Criança Adaptada Submissa. Contudo, nota-se uma Criança Livre também elevada, mas, certamente, com o endosso da perspectiva negativa (ou "não-ok").

Diante do anteriormente exposto, pode-se entender que, para que uma aula transcorra dentro de uma normalidade aceitável, atendendo os requisitos de um bom modelo educacional, os Egogramas deveriam ser próximos àqueles representados na Figura 3 a seguir.

Figura 3 – Egograma recomendável em sala de aula.



Fonte: Adaptada de Dusay (1972).

Dessa forma, nota-se o "Professor Facilitador" com um Pai Nutritivo, um Adulto e uma Criança Livre em altos níveis, enquanto que o Pai Crítico, as Crianças Adaptadas, Submissa e Rebelde, em baixos níveis. Por sua vez, no Egograma do "Aluno Participativo" há um sobressalto no Adulto e na Criança Livre, com níveis intermediários no Pai Nutritivo e na Criança Adaptada Submissa e baixos níveis no Pai Crítico e na Criança Adaptada Rebelde.

Com este modelo, é possível ao professor realizar uma autocritica de sua conduta em sala de aula, percebendo quais os Estados de Ego que necessitam sofrer uma catexia<sup>3</sup> para que eles sejam revigorados e, também, identificar aqueles que devam sofrer uma supressão para que o todo do sujeito seja equilibrado.

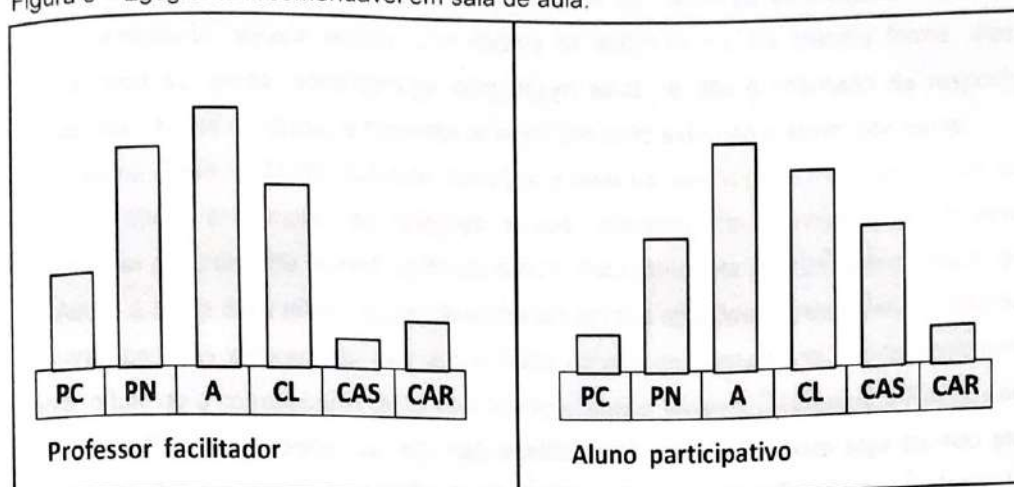
Da mesma forma, o professor poderá, ainda, estabelecer manobras para reequilibrar os Estados de Ego dos alunos, uma vez que existe uma correspondência entre os estímulos e respostas, que formam a base de sustentação para as transações – assunto que será tratado a seguir.

## 2.5 A Análise de Transações

Berne (1974, p.30) esclarece que a unidade básica do relacionamento social é a transação. Isto quer dizer que, quando duas ou mais pessoas se encontram, cedo ou tarde "uma delas irá falar, ou dará qualquer indicação de ter se inteirado da presença das outras".

3- Catexia: concentração de energia num determinado Estado de Ego.

Figura 3 – Egograma recomendável em sala de aula.



Fonte: Adaptada de Dusay (1972).

Dessa forma, nota-se o “Professor Facilitador” com um Pai Nutritivo, um Adulto e uma Criança Livre em altos níveis, enquanto que o Pai Crítico, as Crianças Adaptadas, Submissa e Rebelde, em baixos níveis. Por sua vez, no Egograma do “Aluno Participativo” há um sobressalto no Adulto e na Criança Livre, com níveis intermediários no Pai Nutritivo e na Criança Adaptada Submissa e baixos níveis no Pai Crítico e na Criança Adaptada Rebelde.

Com este modelo, é possível ao professor realizar uma autocrítica de sua conduta em sala de aula, percebendo quais os Estados de Ego que necessitam sofrer uma catexia<sup>3</sup> para que eles sejam revigorados e, também, identificar aqueles que devam sofrer uma supressão para que o todo do sujeito seja equilibrado.

Da mesma forma, o professor poderá, ainda, estabelecer manobras para reequilibrar os Estados de Ego dos alunos, uma vez que existe uma correspondência entre os estímulos e respostas, que formam a base de sustentação para as transações – assunto que será tratado a seguir.

## 2.5 A Análise de Transações

Berne (1974, p.30) esclarece que a unidade básica do relacionamento social é a transação. Isto quer dizer que, quando duas ou mais pessoas se encontram, cedo ou tarde “uma delas irá falar, ou dará qualquer indicação de ter se inteirado da presença das outras”.

3- Catexia: concentração de energia num determinado Estado de Ego.



A esta forma de comunicação dá-se o nome de "estímulo transacional" (grifo do autor). Certamente, aquela pessoa que recebe tal estímulo irá, da mesma forma, dizer alguma coisa ou, ainda, corresponder com algum sinal, "e isto é chamado de resposta transacional". Nesta condição, a resposta se torna um novo estímulo e assim por diante.

Berne (1985, p. 86-93) defende, também, a ideia de que "a parte mais importante do intercurso social é formada de relações e que, efetivamente, o objetivo da Análise Transacional é o **controle social**" (grifo do autor). Para tanto, ele reforça que o Estado de Ego Adulto é quem deve reter o poder de comando em tais relações, independentemente de as outras pessoas estarem ou não em perfeito estado de consciência. Pode, inclusive, ocorrer o fato de o correspondente na comunicação querer ativar a Criança ou o Pai do seu interlocutor. Porém ele alerta que isto não significa que apenas o Adulto seja ativado em situações sociais, mas que a decisão de se liberar a Criança ou o Pai deve ser dada de forma consciente pelo Adulto.

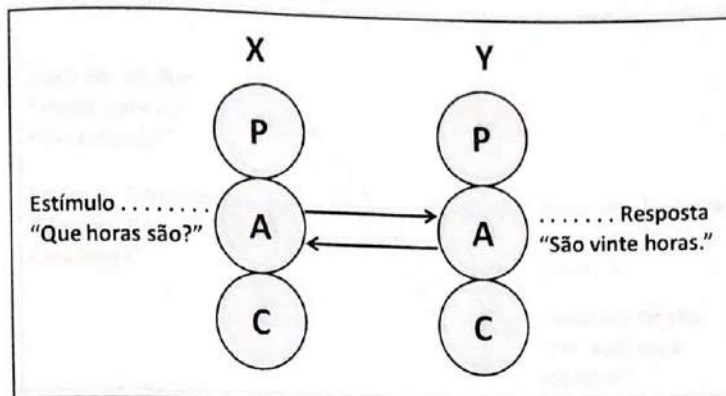
A unidade a ser estudada numa relação social é, portanto, a "transação". O estímulo e a resposta constituem os meios que suportam as transações, podendo eles ser verbalizados ou, simplesmente, insinuados por outros sinais. Elas ocorrem, especificamente, em cadeias como, por exemplo: "um estímulo transacional procedente de X faz emergir uma resposta transacional de Y; esta resposta torna-se um estímulo para X, e a resposta de X, por sua vez, torna-se um novo estímulo para Y". A Análise Transacional, portanto, preocupa-se em diagnosticar qual o Estado de Ego executou essa ou aquela ação de estímulo e de resposta (BERNE, 1985, p. 82) e como se deu o desfecho dessa transação.

Na perspectiva de Babcock e Keepers (1977, p. 68), uma "transação é uma troca de carícias entre duas pessoas". Portanto, quando uma pessoa acaricia a outra e este comportamento a estimula responder com outra carícia, há o engajamento numa transação. Dessa forma, uma conversação pode conter centenas de transações, o que significa que as pessoas envolvidas estiveram trocando centenas de carícias.

Os autores descrevem, ainda, que, quando há a participação em uma transação, a maneira como os Estados de Ego são utilizados nessas transações têm como consequência diversos padrões de comunicação que, basicamente, seguem três regras básicas:

- 1- **Transação complementar:** quando o Estado de Ego ao qual foi dirigida a carícia é o mesmo que apresenta a resposta. As pessoas envolvidas em transações complementares podem trocar carícias por meio de todos os Estados de Ego e, ainda, manter uma conversação entre as partes por tempo indefinido, conforme se observa na Figura 4.

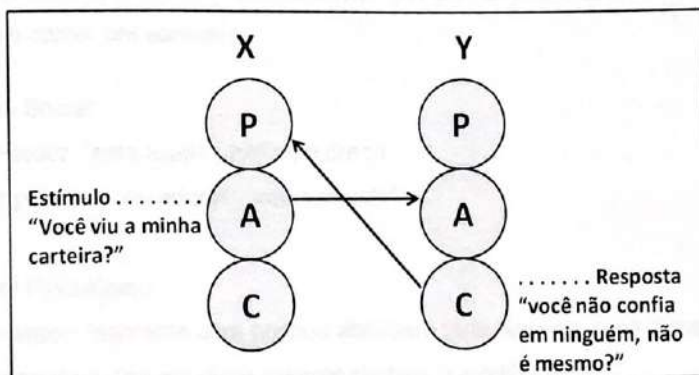
Figura 4 – Transação Complementar.



Fonte: Adaptada de Babcock e Keepers (1977, p. 69).

- 2- **Transação cruzada:** ocorre quando o Estado de Ego que responde ao estímulo "não é aquele ao qual a outra pessoa se dirigiu". Neste tipo de transação o assunto inicial se perde e a comunicação se rompe, a não ser que seja reorganizada de maneira adequada. Este tipo de comunicação é muito comum entre os pais (professores) e os adolescentes e pode ser verificada na Figura 5.

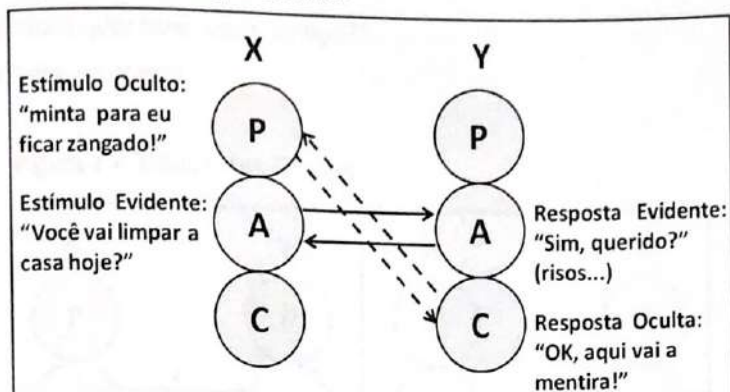
Figura 5 – Transação Cruzada.



Fonte: Adaptada de Babcock e Keepers (1977, p. 69).

- 3- **Transação Ulterior:** é produzida quando existe uma comunicação psicológica oculta ao lado da comunicação evidente, onde a resposta é dada à mensagem oculta e não à evidente. Dessa forma, a mensagem evidente é aquela verbalizada, enquanto que a mensagem oculta é passada por meio da conotação da palavra, da voz e/ou até mesmo da postura. Este tipo de transação é que dá abertura para os jogos psicológicos – assunto a ser descrito em tópico posterior – tendo por diagramação a Figura 6.

Figura 6 – Transação Ulterior.



Fonte: Adaptada de Babcock e Keepers (1977, p. 71).

Berne (1974, p. 33-35) esclarece que, neste tipo de transação, que ele chama de "Transação Oculta", envolvem mais de dois Estados de Ego simultaneamente. Demonstra, conforme se observa na Figura 7, que existem duas variantes: (1) Transação angular – que envolve três tipos de Estado de Ego; e (2) Transação dupla – que envolve quatro tipos de Estados de Ego.

A primeira é comumente empregada, por exemplo, por um profissional de vendas que exterioriza uma fala aceitável no nível social, porém transmite uma outra mensagem no nível psicológico como, por exemplo:

a) Nível Social:

Vendedor: "esta roupa justifica o preço".

Compradora: "eu adorei... vou comprar!"

b) Nível Psicológico:

Vendedor: "somente uma pessoa abastada teria dinheiro para comprar a roupa";

Compradora: "eu sou financeiramente bem sucedida".

A segunda Transação, por sua vez, pode ser observada em jogos de galanteio. No nível social há uma conversa entre adultos, mas no nível psicológico existe uma proposta entre duas Crianças Livres que anseiam, neste caso, por sexo.

c) Nível Social:

Ele: "vamos à minha casa ouvir uma boa música?".

Ela: "eu gosto muito de ouvir música!"

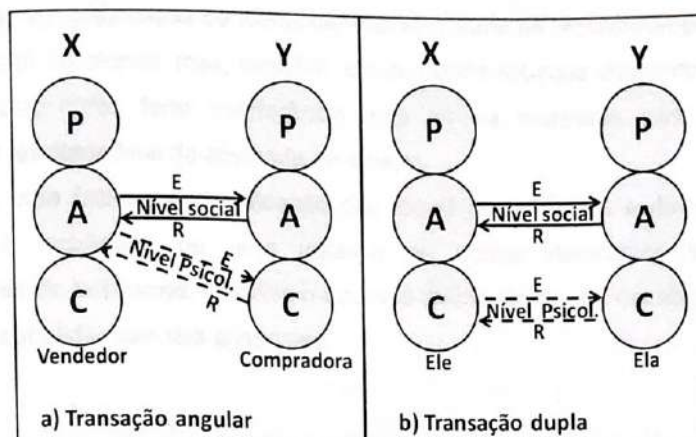


d) Nível Psicológico:

Ele: "você quer fazer sexo comigo?";

Ela: "sim, eu quero!"

Figura 7 – Transações Ocultas.



Fonte: Adaptada de Berne (1974, p. 34).

Berne (1985, p. 79-80) ressalta que "a capacidade da psique humana de manter estados de ego coerentes parece depender de um fluxo mutável de estímulos sensoriais". Dessa forma, ressalta ele, se o fluxo for interrompido ou, então, cair na monotonia, é provável que o Adulto se torne desorganizado, pois o pensamento do indivíduo se tornará enfraquecido. Assim procedendo, há uma tendência do Estado de Ego Criança ser superativado, o que, por consequência, desorganizaria o Estado de Ego Pai.

Portanto, ressalta o autor, é possível constatar por meio da observação terapêutica que longos períodos de aborrecimento ou isolamento, manifestações respectivas da Criança Adaptada Rebelde e Submissa, decorrem num desequilíbrio emocional, conceitualmente chamado de "fome de estímulos". Tal fome pode afetar aspectos não só psicológicos, mas, também, físicos e sociais, influenciados, sobretudo, pelas idiossincrasias<sup>4</sup> individuais.

Esta fome de estímulos pode converter-se em "fome de reconhecimento", manifestados nas reuniões sociais, inclusive em salas de aula. Assim, pela idiossincrasia, as pessoas estabelecem símbolos de reconhecimento altamente recompensadores e necessários ao equilíbrio emocional e, por conseguinte, físico e social. Berne (1985) alerta, ainda, para o fato de que retrain deliberadamente esses símbolos é um ato de grosseria e, também, que a repetição de grosserias é uma "justificativa para a imposição social ou mesmo para as sanções físicas" – isto é, o revide.

4- Idiossincrasia: modo de reagir, perceber e experimentar a influência de diversos agentes.



Assim, nas relações sociais, inclusive nas salas de aula, "grande parte da estrutura linguística, social e cultural gira em torno da questão dos simples reconhecimento: pronomes especiais, inflexões, gestos, posturas e oferendas visam mostrar reconhecimento de *status* e pessoa" (BERNE, 1985, p. 80-81).

Dessa forma, pode-se entender que o professor em atividade educacional deve ter uma percepção aguçada capaz de identificar não só a fome de reconhecimento manifestada nas relações com os alunos, mas, também, a sua própria situação descompensada – o que poderá acarretar numa forte interferência, não só na qualidade das relações, mas, sobretudo, no resultado final da atividade de educar.

Então, para facilitar a identificação das fomes de estímulos e de reconhecimento, bem como a viabilidade de uma tratativa de ações incorrentes sob as formas compensadoras de tais fomes, discorrem-se, no próximo tópico, as estratégias que podem ser adotadas para lidar com tais ausências.

## 2.6 Posição Existencial

Berne (1988, p.41) explica que "o destino de todo o ser humano é decidido pelo que se passa dentro de sua cabeça quando confrontado com o que acontece fora dela". Vê-se, portanto, que a interpretação das coisas do mundo é uma ação subjetiva da própria pessoa. Assim, pode-se supor que a maneira como ela foi educada, o ambiente onde ela foi criada e o momento histórico vivido contribuirá, de certo modo e incisivamente, na sua forma de analisar o mundo e, portanto, de realizar as suas escolhas.

Não raro, pode-se pressupor que existe na mente humana um roteiro de vida pré-estabelecido. De acordo com esse autor, tal roteiro decorre de decisões precoces, tomadas ainda na infância, e que se encontra armazenado no inconsciente. Então, quando a situação assim o exige, ele é colocado em prática. Dessa forma, a execução de um plano de vida é orientada conforme a pré-formatação já existente no Estado de Ego Criança, o que, basicamente, definirá o resultado final pretendido.

Assim, as mensagens verbais e não-verbais, sendo elas positivas ou negativas, oriundas das figuras parentais moldam a personalidade humana que, por sua vez, traduz a sua ação comportamental. Portanto, as crenças e descrenças, os valores e desvalores, os conceitos e preconceitos que foram acumulados ao longo da vida incidem diretamente na resposta aos estímulos que o mundo se lhe apresenta.

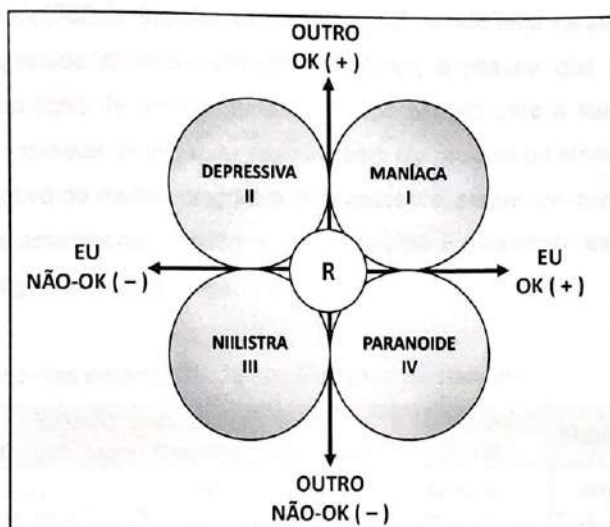
Quanto ao resultado final, Berne (1988, p. 82) sugere quatro resultados possíveis decorrentes da Posição Existencial que a pessoa adotou para a sua vida: (1) "saudável" – dada a postura de um vencedor, é uma característica própria do "príncipe" e do "herói" que

sempre termina com um final feliz; (2) "arrogante" – que se vê numa posição de superioridade e que, por ato de desqualificação, deseja livrar-se do outro, caracterizando-se, assim, a patologia do paranoide; (3) "depressiva" – pessoas que vivem, por opção, de grandes e pequenos favores, culpando os outros pelos seus fracassos; são pessoas não-vencedoras, pois quase nunca alcançam o objetivo proposto e sempre procuram justificativas por não alcança-los; e (4) "futilidade" – são perdedores que apresentam a patologia de esquizofrenia, pela qual decidem pelo desfecho trágico de vida.

Kertész (1987, p. 86-90) cita que, no seu entendimento, há aquela pessoa que, pelo manejo de seu Estado de Ego Adulto, é capaz de controlar os outros Estados de Ego de tal forma a integrar os aspectos positivos e negativos que nós e os outros possuímos. A esta Posição Existencial ele chama de "realista" (R), caracterizando-se por manter um respeito e autocritica adulta por si mesmo.

Para facilitar a compreensão desses conceitos, eles encontram-se diagramados na Figura 8, a seguir.

Figura 8 – Quadrantes das Posições Existenciais



Fonte: o autor.

Observa-se que, ao centro, encontra-se a posição "realista" proposta por Kertész (1987), indicando um equilíbrio ( $\pm/\pm$ ) entre o "EU" e o "OUTRO", apenas com uma pequena oscilação entre elas. No entanto, Berne (1988) a considerou como "saudável" ( $+/+$ ), sendo aquela indicada para uma vida desceite. Na proposta de Kertész (1977, p.90) há o entendimento de que é praticamente impossível a uma pessoa estar sempre "OK" em relação a si próprio e aos outros, daí a necessidade de "integrar os aspectos positivos e negativos que todos nós possuímos".



No primeiro quadrante acha-se a posição "maníaca" (+/+) que Kertész (1977, p.91) define sobre aquela pessoa que só considera os "aspectos positivos de si mesmo e dos outros". Nesta condição, o indivíduo acredita estar tudo sempre muito bem, não havendo problema algum.

No quarto quadrante nota-se a posição "paranoide" (+/-), que Berne (1988, p. 82) também chama de "arrogante", uma vez que a pessoa adota uma postura de menosprezo (desqualificação) do outro, "procurando defeitos entre os seus inferiores ou inimigos, reais ou imaginários". Kertész chama a atenção para o fato de que, se a pessoa que adota esta Posição Existencial for constantemente perseguida ou salva, poderá ela migrar para a posição "depressiva", aonde há uma autocrítica em excesso.

Migrando, então, para o segundo quadrante, tem-se a posição "depressiva", que se dá por um "auto rebaixamento" transmitido à pessoa, tanto no aspecto político e social, que pode conduzi-la a uma atitude de querer livrar-se de si mesma em vez de livrar-se dos outros. É uma pessoa que mendiga, por escolha, pequenos e grandes favores como forma de imputar ao outro a culpa de sua situação desfavorecida (BERNE, 1988, p. 82-83).

Por fim, no terceiro quadrante encontra-se a posição "niilista" proposta por Kertész (1987) e que Berne (1988, p. 83) chama de "futilidade", sendo uma característica patológica do "indivíduo esquizoide ou esquizofrênico". Portanto, a pessoa que se encontra nesta Posição Existencial sofre de uma profunda perda de sentido para a sua vida, achando-se inadequado para a tomada de qualquer decisão, seja ela racional ou emocional.

Com o objetivo de melhor diagramar tais conceitos, segue um quadro que contempla uma parte das características formadoras das Posições Existenciais, existindo, contudo, a possibilidade de algumas conjugações.

Quadro 4 – Resumo das características das Posições Existenciais

Posição Existencial	Estado de Ego		Relação		Resultado Final	Mensagens Parentais
	Predominante	Okeidade	Eu	outro		
REALISTA	P-A-C	OK	( ± )	( ± )	Triunfador	"vamos decidir juntos."
MANÍACA	CL-PN	Não-OK	( + )	( + )	Vencedor	"não foi nada, está tudo bem, é assim mesmo..."
PARANOIDE	PC-PN-CAR	Não-OK	( + )	( - )	Carreirista	"ninguém manda em mim!"
DEPRESSIVA	CAS	Não-OK	( - )	( + )	Não-vencedor	"tenho medo de falar..."
NILISTA	CAR-CAS	Não-OK	( - )	( - )	Perdedor	"jamais vou dar conta..."

Fonte: adaptado de Kertész (1977, 1987).

Quanto ao êxito alcançado pela pessoa que trilha uma determinada Posição Existencial, podem-se observar cinco categorias: (1) Triunfador – que usa de autonomia e, portanto, com um Adulto desenvolvido e subjugando os outros Estados de Ego, assume os

riscos, porém de forma calculada e comprometida. As situações experimentadas são todas utilizadas como aprendizagem, amadurecimento e, portanto, uma forma de crescimento; (2) Vencedor – cumpre com as expectativas parentais, podendo correr riscos, mas sem se desviar de suas metas básicas. Pode-se até trocar carícias, mas que, na maioria, é de forma condicionada; (3) Carreirista – cumpre com as metas estabelecidas sem escrúpulos, mas quando assume riscos e algo sai errado, tem por hábito colocar a culpa nos outros. Normalmente, troca falsas carícias positivas e carícias negativas. (4) Não-vencedor – cumpre parcialmente as suas metas, assumindo poucos riscos e, por isso, torna-se medíocre, volúvel, um "homem-massa" e um bom membro da comunidade. Normalmente abandona os projetos que iniciou e se conformam com o empate. Troca mais carícias negativas do que positivas. (5) Perdedor – não cumpre com meta alguma e sempre assume riscos não calculados. Só pensa no que vai ganhar e não calcula o que pode perder e, portanto, fracassa culpando sempre alguém. Inventa grandes negócios, porém não concretiza nada. Sempre troca carícias negativas (KERTÉSZ, 1977).

Há, contudo, uma particularidade importante no Quadro 4 que merece ser destacada: trata-se do Resultado Final, uma vez que é ele que norteará as escolhas pessoais, tendo em vista um horizonte futuro projetado. A isto Berne (1988) nomeia de "script de vida" (grifo nosso), assunto que será abortado em seguida.

## 2.7 Script de Vida

Berne (1988, p. 90-107) esclarece que a criança nasce livre. Porém, ela vai adquirindo conhecimentos provenientes do convívio com as figuras parentais, quais sejam: pais; irmãos mais velhos; avós; tios; babás; vizinhos; e, dentre outros, os professores. Assim, com o passar dos anos e vivenciando as fases do desenvolvimento humano, a criança tende a formar um entendimento próprio acerca da sua relação com o mundo. Dessa forma, nota-se que ela planeja sua vida em conformidade com os entendimentos que ela vai acumulando ao longo de sua existência – inclusive, em muita das vezes, os conceitos por ela formulados acabam prevalecendo sobre o seu "bom senso" (grifo do autor). Assim procedendo, ela estabelece um estilo de vida e, por conseguinte, um desfecho final que se constituirão as bases de sua programação.

De acordo com Berne (1988, p. 89-92), o *script* que a pessoa definiu para sua vida, conforme a programação que ela elaborou, principalmente entre os seus dois e seis anos, tende a responder à seguinte pergunta que ela própria lhe faz: "o que acontece com alguém como eu?". Diante das respostas que são elaboradas, o autor conclui que, fisiologicamente, há uma facilitação aonde a criança estabelece, por meio de uma trilha, objetivos que visam



a uma resistência diminuída. Operacionalmente falando, o autor considera que o *script* tende a evocar, com alto grau de probabilidade, uma resposta já estabelecida para um dado estímulo que se lhe apresenta. Por sua vez, numa perspectiva fenomenológica, a programação adquirida por meio da experiência de vida com a figura parental estabelece uma resposta já determinada, conforme as diretivas parentais gravadas dentro da própria cabeça da pessoa.

Pode-se, assim, inferir que o *script* de vida funciona como um mecanismo de autodefesa que a pessoa estabelece frente às diversidades, ganhando tempo na análise das variáveis e, dessa forma, sendo coerente com a programação que se formou ao longo da construção do seu conhecimento. Portanto, o *script* de vida, por mais estranho que possa parecer, deve ser entendido não como algo de cunho meramente negativo, mas, sobretudo, como um procedimento que a pessoa formulou, tendo em vista a sua autoconservação. Assim, esta programação de vida, formada a partir das decisões da infância e das mensagens parentais, tende a durar por toda uma vida, sendo ela reforçada continuamente.

Berne (1988, p. 171) esclarece que a primeira coisa a ser decidida na formulação de um *script* de vida é se a pessoa tenderá a ser um ganhador ou um mero perdedor. Esclarece, ainda, que tal decisão pode ser descoberta com relativa rapidez bastando, para isso, ouvir os jargões que repita vezes a pessoa profere. Para exemplificar, se o *script* for de um Vencedor, as frases serão do tipo: "Errei, mas isto não se repetirá" ou, ainda, "Agora sei o jeito certo de fazer isto". Em caso contrário, para o *script* de um Perdedor, ouvir-se-ão frases como: "Eu deveria ter..." e, também, "Sim, mas...".

Contudo, o autor figura um terceiro tipo de *script*: trata-se do Não-vencedor, que se permite ser um não-ganhador ou, ainda, uma pessoa que trabalha duro para se contentar com um mero empate. Tais pessoas costumam a proferir frases do tipo: "Bem, pelo menos não..." ou "Pelo menos tenho isto para estar agradecido".

Dessa forma, Berne (1988) propõe as formas de relação que os portadores de tais *scripts* manterão com os demais membros da comunidade. Aqueles de têm o *script* de Vencedores tendem a criar dificuldades para os demais somente quando brigam entre iguais, pois acabam por envolver espectadores inocentes, podendo chegar a milhares de envolvidos. Os Perdedores, por sua vez, causam malefícios para si próprios, mas acabam afetando os outros quando chegam a seu desfecho. No caso dos Não-vencedores, socialmente eles são considerados agradáveis, podendo, inclusive, ser até admirados, pois se encontram entre aqueles que são bons empregados, leais, prestativos e agradecidos por tudo.

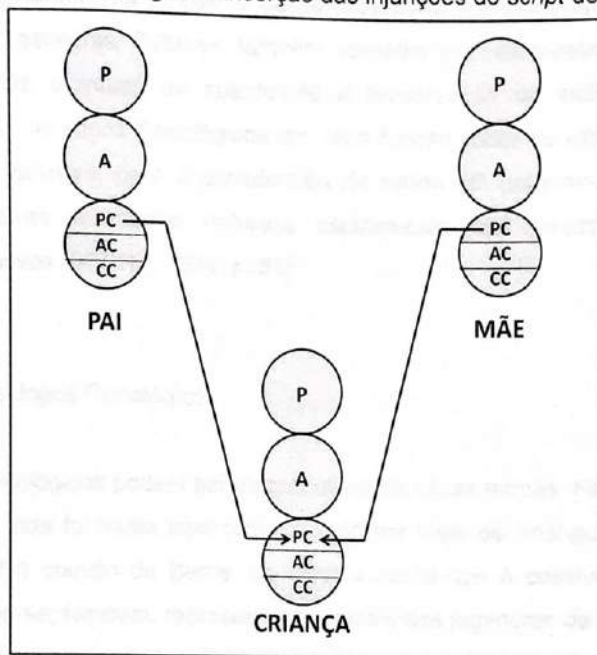
Quanto ao resultado final, Berne (1988) estabelece que um Vencedor cumpre o seu contrato com o mundo e consigo mesmo, uma vez que se empenha em fazer aquilo que se propôs e, em longo prazo, realmente o faz. Destaca-se, contudo, que as suas metas são

propostas por ele próprio, formuladas pelo seu Estado de Ego Adulto, mas embasadas por regras oriundas do Pai Protetor presentes no seu Estado de Ego da Criança.

O Perdedor, por sua vez, não se permite realizar as suas metas, cuja atitude sempre se acha justificada pelas "provocações e seduções" do Estado de Ego Criança "louca de seu progenitor" que, por sua vez, o induz a um processo autodestrutivo mediante mensagens gravadas no Pai Crítico de seu Estado de Ego Criança.

No caso do Não-Vencedor, há uma proibição injusta proferida pelo Pai controlador ao Pai Crítico do Estado de Ego Criança da pessoa, isto por meio de mensagens diretivas de aprovação ou desencorajamento, chamadas de injunções, conforme pode ser observado na Figura 9.

Figura 9 – Origem e inserção das injunções do *script* de vida



Fonte: Adaptado de Berne (1988, p. 104).

Contudo, deve-se ressaltar que o *script* de vida é uma programação que foi realizada ao longo de uma vida e, assim, são necessários outros anos mais para que um profissional especializado possa proporcionar meios à pessoa de reescrever o seu *script*. Então, neste caso, cabe ao professor saber identificar o *script* de vida que cada aluno demonstra possuir para, então, melhor lidar com o jeito particular que cada um tem ao fazer as coisas.



## 2.8 Jogos Psicológicos

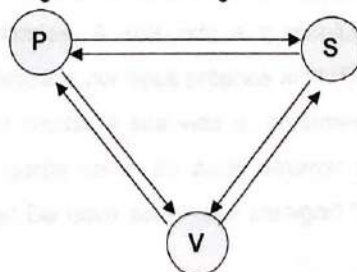
Conforme o que se viu no item 3.5 – A Análise das Transações –, a base das relações sociais são as transações. Da mesma forma, um Jogo Psicológico é, também, uma série de transações complementares, do tipo ulterior, porém tendo por característica um desfecho definido e previsível. Há, entretanto, nesta transação, uma série de lances que se constituem em cilada ou “truque” (grifo do autor) que podem ocorrer no meio ou no final. Assim, todo Jogo tem um caráter desonesto e certa dramaticidade (BERNE, 1974, p. 49).

Os Jogos Psicológicos têm uma importante função como elemento formador do *script*. Então, diferentemente de uma diversão ou de um passatempo, eles acabam por determinar o próprio destino da pessoa, reforçando a sua Posição Existencial. Igualmente, eles são aprendidos na infância e, com o passar dos anos, transformam-se em padrões fixos de estímulos e respostas. Cabe-se, também, ressaltar que, da mesma forma que um *script* é formado com o intuito de autodefesa e preservação do indivíduo frente às adversidades da vida, os Jogos Psicológicos têm uma função social de estruturar o tempo, sendo necessários, inclusive, para a manutenção da saúde em determinados indivíduos. Desta forma, atribui-se a mesma natureza estabelecida nos *scripts*, quais sejam: construtivos e destrutivos (BERNE, 1974, p. 61).

### 2.8.1 Dinâmica dos Jogos Psicológicos

Os Jogos Psicológicos podem ser diagramados de várias formas. Para Berne (1988, p. 159) o drama da vida foi muito bem representado por meio do Triângulo Dramático de Stephen Karpman. Na opinião de Berne, da mesma forma que é possível representar o drama no teatro pode-se, também, representar os papéis dos jogadores da vida real. Dessa forma, a essência da relação está constituída, necessariamente, por três personagens: o Perseguidor (P), o Salvador (S) e a Vítima (V), conforme se apresenta na Figura 10.

Figura 10- O Triângulo Dramático



Fonte: Berne (1988, p. 159)



Assim, "cada herói, seja na vida, seja no drama (o protagonista) inicia-se em um dos três papéis principais". Dessa forma, outro ator principal assumirá um dos papéis restantes. O fato é que, quando ocorrer uma crise, os dois jogadores movem-se em torno do triângulo, mudando de papéis. Estes papéis são "falsos", são distorções dos papéis reais e autênticos. As pessoas que operam a partir dos papéis do Triângulo Dramático aprenderam a desempenhá-los com seus familiares. Depois de muitas repetições, desempenham estas representações de forma automática e inconsciente, de acordo com as exigências do *script* de vida de cada um dos integrantes (BERNE, 1988, P. 159).

O papel de Perseguidor é nutrido pelo Estado de Ego Pai Crítico (PC) e manipula infundindo medo. Dá carícias agressivas, necessita ser temido e, com isso, encobre a sua própria insegurança. A sua Posição Existencial é OK(+) / NÃO OK (-)! É uma pessoa que quer corrigir o mundo. Dita o que é certo e o que é errado. Geralmente, fica procurando defeitos nos outros, nos lugares, nas situações e, às vezes, nela mesma. Ela, quando encontra os defeitos, subitamente começa a criticar: "Ah, eu não te avisei?"; "Eu já sabia que ..."; "Eu te disse que ..."

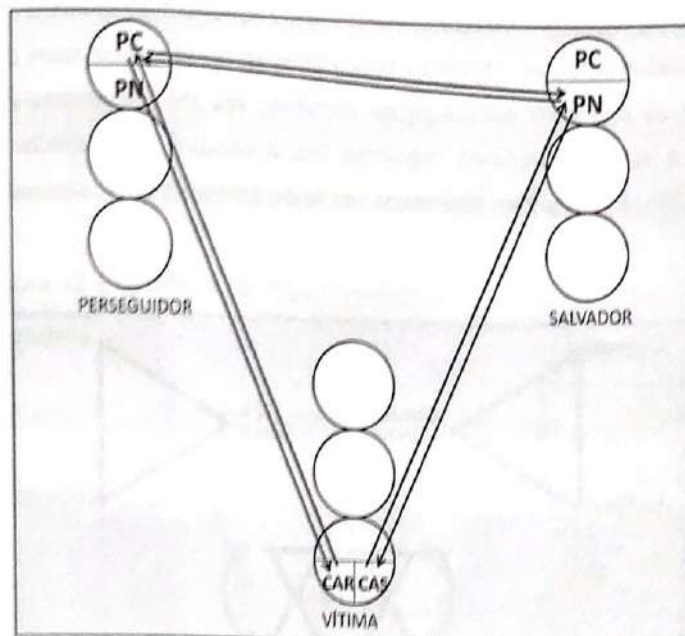
O Salvador, exercido pelo Estado de Ego Pai Nutritivo (PN), age de forma negativa e manipula usando a chantagem ou o suborno. Dá carícias de lástima e precisa que necessitem dele, pois precisa estar em condições de salvar alguém. Sua Posição Existencial é OK(+) / NÃO OK (-)! Muitas das vezes, é uma pessoa que precisa de afeto, mas como não sabe pedir, ou não aprendeu aceitar, acaba dando a outrem aquilo que ela mais precisa. Por ter aprendido a cuidar dos outros, acaba geralmente por não dar chance para a vítima crescer, pois, se isso ocorrer, não saberia o que fazer. Quer cuidar de todo mundo, sempre está ajudando em alguma coisa, mas, de alguma forma, pode acabar desvalorizando a capacidade do outro, que pode ser entendido como um processo de desqualificação.

A Vítima, por sua vez, encontra-se no Estado de Ego Criança Adaptada Rebelde (CAR) ou na Criança Adaptada Submissa (CAS). Manipula infundindo culpa e precisa ser perseguida ou salva. Se é uma vítima falsa, tem a Posição Existencial NÃO OK (-) / OK (+) (quando vítima neurótica) ou então OK (+) / NÃO OK (-) (quando perseguidor disfarçado) ou, ainda, nos casos mais graves NÃO OK (-) / NÃO OK (-)! É uma pessoa que faz de sua vida uma série de incapacidades. A sua vida é o resultado da ação dos outros. Não consegue assumir responsabilidade por seus próprios atos. Está, quase sempre, procurando desculpas por não conseguir mudar a sua vida e, geralmente, se sente impotente. Pode pensar assim: "Como uma gorda como eu pode arrumar alguém que me ame?" "Tudo acontece comigo". "Que azar! De novo aconteceu comigo!" "Como eu posso trabalhar com um marido desses?"

Para exemplificar o Triângulo Dramático por meio da interação dos Estados de Ego

descritos anteriormente, pode-se observar a Figura 11, a seguir.

Figura 11 – Estados de Ego interagindo no Triângulo Dramático.



Fonte: o autor.

Deve-se ressaltar que há uma tendência de que esses papéis sejam predominantes, pois é possível que se tenha preferência por um deles. No entanto, a Vítima, quando não é ajudada, pode transformar-se em Perseguidor. Um Salvador, que se esforça para salvar uma Vítima, pode se cansar e transformar-se em Perseguidor ou Vítima. Entretanto, geralmente a pessoa começa com um papel e termina com outro.

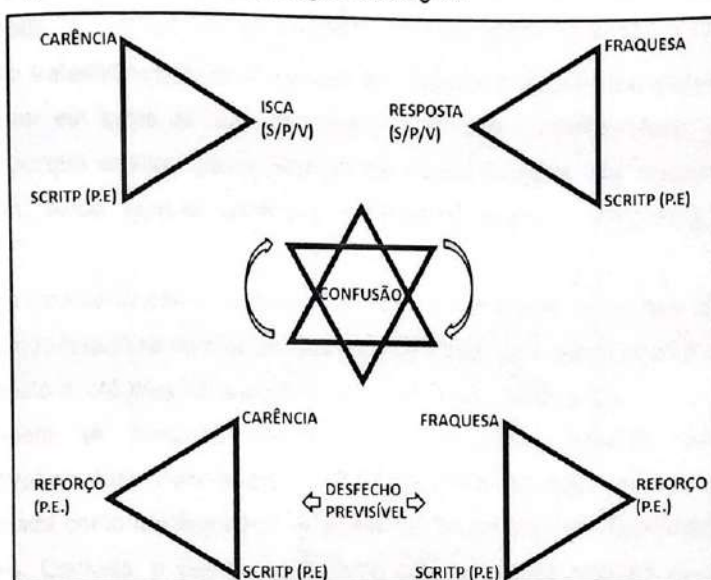
Contudo, pode-se até inferir que, caso um Perseguidor ou Salvador aprenda a cuidar de suas próprias necessidades, a desfrutar a vida e a entrar em intimidade, não ficará cuidando do mundo ou encontrando defeitos nos outros. Da mesma forma, uma Vítima que aprenda a assumir a responsabilidade por sua felicidade, acreditar em si e em sua capacidade, ela não vai arrumar outros para mantê-la em seu *script* e não mais reclamará da má sorte. Para que isso aconteça, é necessário um trabalho de conscientização com profissionais especializados e, ainda, uma reprogramação de vida – o que pode demandar um tempo prolongado entre dois e cinco anos, dependendo da patologia.

Assumido os papéis dramáticos, os jogadores desenvolvem uma dinâmica que, tendo por base o que preceitua Berne (1988, p. 35), pode assim ser descrita: (1) o primeiro jogador, na posição de Vítima, pois está diante de uma dada carência, e na ânsia de manutenção de seu *script* de vida, identifica o outro(s) jogador(res) e lança uma isca



possível de ser enganchada; (2) o outro(s) jogado(res), tendo uma fraqueza (ganância, medo, sentimentalismo ou até mesmo irritabilidade) e no desejo de também reforçar o seu *script* de vida, se engancha na isca e retorna com uma resposta; (3) esta última resposta é distorcida com o intuito de mudança para obter o desfecho desejado; (4) entre o vai-e-vem de estímulos e respostas fica estabelecida uma confusão ou perplexidade na qual o alvo entende o que aconteceu; (4) ato contínuo, os jogadores recolhem os seus respectivos desfechos, se afastam alimentando a sua patologia, concluindo o jogo e reforçando suas posições Existenciais. Esta dinâmica pode ser observada na Figura 12.

Figura 12 – Dinâmica do Jogo Psicológico



Fonte: o autor.

Entretanto, deve-se ressaltar que Berne (1988) esclarece que a simples repetição ou persistência de determinadas ações não caracteriza um Jogo, o que merece cuidado na análise. É necessário, portanto, verificar-se a intencionalidade do estímulo, a distorção da resposta e um desfecho desagradável e, portanto, inadequado.

## 2.8.2 Classificação dos Jogos Psicológicos

Berne (1974, p. 62-64) preconiza duas grandes variáveis para o entendimento dos jogos: (1) quantitativa – que pode referir-se ao número de jogadores, à flexibilidade, à moeda de troca, à tenacidade dos participantes e, ainda, à intensidade das jogadas e do interesse dos jogadores; e (2) qualitativa – que está relacionada ao tipo de moeda de troca e



os tipos clínicos dos jogadores.

Entretanto, o autor argumenta que há uma gradação de três estágios que se faz necessário destacar, pelo fato de estarem diretamente ligados à consequência de seu resultado final. Assim, no Primeiro Estágio há uma aceitação social no círculo do jogador, razão pela qual o jogo se dá em meio ao público. No Segundo Estágio, apesar de não se chegar a danos irremediáveis ou permanentes, os jogadores preferem ficar ocultos a terceiros. No Terceiro Estágio, contudo, o caráter do jogo é definitivo, de cunho trágico, pois termina em sala de operações médicas, num tribunal ou num necrotério. Por esta gradação é possível entender, por exemplo, o porquê de um aluno explodir em sala de aula e até agredir um professor – o jogo já vinha sendo jogado e o professor não conseguiu bloqueá-lo em tempo hábil.

Neste trabalho tomou-se o cuidado de classificar alguns dos possíveis Jogos que podem ocorrer em salas de aula, tomando-se por base, primeiramente, o seu propósito geral. Isto porque existem várias alternativas possíveis como, por exemplo, a busca por segurança ou, ainda, para se justificar e até mesmo extorquir uma carícia (BERNE, 1988, p.54).

Outra caracterização é quanto à natureza da moeda de troca, que se entende como o meio segundo o qual se conduz ao desfecho do Jogo. Tais meios podem ser o dinheiro, a palavra, o gesto e, até mesmo, partes do corpo (BERNE, 1988, p. 63).

Também se procurou posicionar os jogadores conforme os seus papéis representativos no Jogo. Para Berne (1974, p. 54) a manifestação dos Estados de Ego deve ser considerada como um fenômeno e, portanto, não podem ser classificados formalmente como papéis. Contudo, o Estado de Ego do jogador poderá coincidir ou não com o seu papel. Para exemplificar, um aluno pode assumir um papel de Vítima e pensar: "isso sempre acontece comigo!" – que é uma postura da Criança Adaptada Submissa. Em lado contrário, o professor na posição de um Perseguidor poderá deduzir: "poxa, como esse cara é chato!" – manifestação típica de um Pai Crítico. Em contrapartida, um colega, ou até mesmo o coordenador de curso, poderá acolher o aluno que acaba de levar uma bronca e, numa posição de Salvador, dizer: "calma, não leve a sério o que ele disse, pois ele está muito estressado hoje...", pensamento típico de um Pai Nutritivo Negativo.

Dessa forma a descrição geral do Jogo, entendida como Tese, envolve tanto um nível social quanto um nível psicológico das transações. A sequência direta dos acontecimentos refere-se ao nível social – aquilo que é possível visualizar – enquanto que as informações a respeito do cenário psicológico dos eventos, a sua evolução, bem como o significado, referem-se ao nível psicológico (BERNE, 1974, p. 53).

Assim, os Jogos Psicológicos serão descritos e exemplificados, a partir do que se apresenta no Quadro 5, cabendo-se destacar que alguns de seus nomes podem até parecer

desrespeitosos. No entanto, como esclarece o autor, tais nomes não são dirigidos contra as pessoas e sim, de forma irônica, contra o Jogo – uma vez que se pretende evidenciá-los de forma contundente (BERNE, 1974, p. 69).

Quadro 5 – Jogos Psicológicos em sala de aula

PAPEL	NATUREZA	JOGO MEIO	JOGO COMPLEMENTAR
Aluno	Desordem	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tumulto</li> <li>• Palhaço</li> <li>• Desastrado</li> <li>• Calcanhar de Aquiles</li> <li>• Bate-Boca</li> <li>• Imbecil</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Chute-me!</li> </ul>
	Delinquência	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vandalismo</li> <li>• Bandido e Mocinho</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tribunal</li> </ul>
	Queixa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Defeito</li> <li>• Perna-de-pau</li> <li>• Por que você não? Sim, mas...</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Porque isto sempre acontece comigo?</li> </ul>
	Sedução	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Beijoqueiro</li> <li>• Violentada</li> <li>• Agora vocês dois briguem</li> <li>• Encurrular</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Agora de Peguei!</li> </ul>
Professor	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Veja só o que você me obrigou a fazer</li> <li>• Mártir</li> <li>• Não é horrível!</li> <li>• Veja só o quanto me esforcei</li> <li>• Flor de Estufa</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Só estou querendo te ajudar!</li> </ul>

Fonte: Adaptado de Berne (1974); Ernst (1978).

Desta feita, para entender a sua dinâmica, é necessário ter-se uma percepção dos Lances – que correspondem, mais ou menos, aos estímulos em um ritual. Berne (1988, p. 56) enfatiza que, à medida que o Jogo é jogado, os participantes vão também aperfeiçoando suas técnicas e eliminando os lances menos interessantes, passando a concentrar suas atenções em lances específicos. Os Jogos complementares, por exemplo, indica que cada participante complementa o outro proporcionando grande economia de esforços e muita satisfação, pois eles obtêm o máximo proveito do Jogo. Assim, o participante observa que há um determinado número de lances mínimos que são essenciais ao desenvolvimento do Jogo. Esses lances são combinados formando uma espécie de protocolo informal. Este protocolo informal são os lances básicos necessários ao desenvolvimento do Jogo, cujos participantes enfeitariam ou multiplicariam de acordo com as suas necessidades, seus talentos e os seus desejos.

Quanto ao pretendido Desfecho – que consiste em sentimentos mútuos, e não



necessariamente semelhantes, nos quais o Jogo suscita no agente e respondente – os Jogos podem ser bons – e, portanto, agradáveis –, mas podem também ser perturbadores e desoladores.

Para mitigar o Desfecho do Jogo indesejado, o autor orienta a adoção de alguns procedimentos que ele chamada de Antítese – uma obstinada recusa de se jogar ou, ainda, um bem sucedido bloqueio do desfecho e que tem em vista à desestabilização do jogador.

Há, contudo, que se observar uma ressalva proferida por Berne (1974, p. 53-54): ele afirma que uma determinada sequência de acontecimentos pode ser uma hipótese de que o Jogo esteja ocorrendo. Entretanto, esta hipótese deverá ser validada na prática, pela aplicação, por exemplo, de uma recusa de se jogar ou pela eliminação do desfecho. Neste caso, o jogador poderá investir esforços no sentido de continuar no Jogo, caracterizando o seu intento. Por parte contrária, na Antítese, o oponente poderá recusar a jogar ou bloquear o seu desfecho. Nesta condição, o jogador tenderá a entrar em desespero, semelhante a uma depressão, diferindo desta por ser mais aguda e contendo elementos de frustração e perplexidade, podendo manifestar, inclusive, uma crise de choro.

Em continuidade, o autor ressalta que, quando uma intervenção é bem sucedida, essas reações podem dar lugar a uma gargalhada de humor em sinal de percepção do Adulto, que se manifesta concluindo: "acabaram as minhas desculpas" ou "acabou a minha apelação". Portanto, a compreensão clara de um Jogo exige que a sua Antítese seja conhecida, bem como a sua eficiência demonstrada na prática.

### 3 CONCLUSÃO

Tomando-se por base o resultado da pesquisa teórica realizada no levantamento bibliográfico publicado sobre a Análise Transacional referendada neste trabalho, pode-se retomar o grande objetivo que é o de identificar os conceitos e as técnicas aplicadas pela AT que pudessem auxiliar os professores a melhor lidar com os conflitos em salas de aula.

Diante do exposto, portanto, nota-se que a AT possui conceitos simples que podem facilitar entendimento dos professores acerca dos mecanismos de formação das transações, bem como das previsões de possíveis resultados recorrentes. Assim, a sua aplicação pode constituir-se num instrumento de manobra que possibilite aos docentes uma melhoria das relações interpessoais com seus alunos.

Se for verdade que o ser humano, como preconizou Aristóteles, tende naturalmente à felicidade, a mente humana não pode desejar outra coisa se não o ser feliz – o que justificaria toda ação do indivíduo. Em contrapartida, a vida pode, também, ser entendida como a arte da escolha, o que leva a deduzir-se que boas escolhas pressupõem bons



resultados – contudo, isto é senão um mero juízo de valor e não um de realidade. Assim, entender os conflitos conforme os conceitos apregoados pela Análise Transacional e aplicar este conhecimento para tornar os relacionamentos mais afetuosos é, portanto, um pautar-se no juízo de realidade.

Dessa forma, o que se pode concluir com este trabalho é que a AT oferece aos professores não só ferramentas de suporte à compreensão dos conflitos, mas também uma visão sistêmica acerca das relações interpessoais que ocorrem em salas de aula. Então, pode o professor melhor compreender os comportamentos dos alunos, de tal sorte alcançar uma melhora significativa no resultado pretendido de uma boa educação.

Cabe-se, portanto, a sugestão que os conceitos e as técnicas da AT sejam levados ao conhecimento dos professores e, depois, que eles sejam avaliados, dentro de critérios quantitativos e qualitativos, de tal forma constar o quão fácil foi a sua aplicação e quais os resultados que efetivamente foram alcançados.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. In: Coleção Os Pensadores. Volume Aristóteles. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Borhein. São Paulo: Editora Abril, 1973.

BABCOCK, Dorothy E. KEEPERS, Terry D. **Pais OK, Filhos OK**. Trad. Luciana Carli. Rio de Janeiro: Ed. Art Nova, 1977.

BERNE, Eric. **Os Jogos da Vida: A psicologia transacional e o relacionamento entre as pessoas**. Trad. E. Artens. Rio de Janeiro: Ed. Art Nova, 1974.

\_\_\_\_\_. **Análise Transacional em Psicoterapia**. Trad. Lúcia Helena Cavasin Zabotto. São Paulo: Summus, 1985.

\_\_\_\_\_. **O que você diz depois de dizer olá?** Trad. Rosa Krausz. São Paulo: Nobel, 1988.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. In: Coleção os Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CREMA, Roberto. **Análise transacional centrada na pessoa... e mais além**. São Paulo: Ágora, 1985.

DUSAY, John M. **Os Egogramas e a "Hipótese de Constância"**. In Prêmios Eric Berne. Coord. Maila Flesh. Porto Alegre: Suliani Editografia, 1973.

ERNST, Ken. **Estudantes OK**. Trad. Antônio Hermano Lemme. Rio de Janeiro: Ed. Art Nova, 1978.

FREUD, Sigmund. **Obras Psicológicas Completas**. versão 2.0. 1ª Ed. Imago, 1996.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: a formação do homem grego**. Trad.: Artur M. Parreira. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, M. C. B.; CASTRO, G. F.; ARAÚJO, R. M. X. **Ensinar, formar, educar e instruir: a linguagem da crise escolar**. Ciência e Educação, v. 12, n. 2, p. 235-245, 2006.

KERTÉSZ, Roberto. **Manual de Análisis Transaccional**. Buenos Aires: Conantal, 1977.

\_\_\_\_\_. **Análise transacional ao vivo**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Summus, 1987.

PLATÃO. **A República de Platão**. Trad. Ana Paula Pessoa. São Paulo: Sapienza Editora, 2005.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

STEINER, Claude. **Os papéis que vivemos na vida: A Análise Transacional de nossas Interpretações Cotidianas**. Trad. George Schlessinger. Rio de Janeiro: Ed. Art Nova, 1976.

STEWART, Ian; JOINES, Vann. **T.A. Today: A New Introduction to Transactional Analysis**. Nottingham: Lifespace Publishing 1987.

WALLON, Henri. **A Evolução Psicológica da Criança**. Lisboa: Edições Setenta, 1995.

WEIL, Eric. **Filosofia Política**. Tradução e apresentação de Marcelo Perini. São Paulo: Loyola, 1990.